

## **FARINHA DE PENA E VÍSCERAS HIDROLISADAS EM RAÇÕES DE SUÍNOS**

*Elias T. Fialho<sup>1</sup>  
Paulo C. Gomes<sup>1</sup>  
Aloísio S. Ferreira<sup>1</sup>  
José F. Protas<sup>2</sup>  
Alfredo R. de Freitas<sup>1</sup>*

Segundo o serviço de Inspeção de produtos de Origem Animal (SIPA), o abate de aves sob inspeção federal no ano de 1979 foi de 411,4 milhões de cabeças, superior ao ano de 1978 com 385,5 milhões de cabeças e em 1980 foram abatidos 555,13 milhões de cabeças de aves.

Considerando que as aves em média são abatidas com 1,6 kg e que 7% de seu peso correspondem às penas, proporcionou, desta forma, uma disponibilidade potencial de 62,17 mil toneladas de farinha de pena no mercado em 1980, não considerando as perdas industriais.

A possibilidade de sua utilização, como fonte alternativa de proteína em rações de monogástricos reveste-se de grande importância econômica, por tratar-se da utilização de um subproduto considerado como dejetos dos abatedouros avícolas.

Em estado natural, a proteína da farinha de pena, por ser queratinizada, apresenta valor nutricional insignificante; quando submetida a um processamento adequado torna-se disponível aos animais.

Com o objetivo de se avaliar biologicamente a farinha de pena e vísceras hidrolisadas (FPVH), através de ensaios de digestibilidade e verificar os efeitos de sua adição, em diferentes níveis, nas rações de suínos em crescimento e terminação, bem como verificar a viabilidade econômica dessas substituições, utilizaram-se 40 machos castrados e 40 fêmeas, Landrace, com peso médio inicial de 27,0 kg até o peso médio de abate de 92,5 kg, por um período de 103 dias.

Utilizaram-se quatro tratamentos: T1, 0,0% de FPVH; T2, 3,0% de FPVH; T3, 6,0% de FPVH e T4, 9,0% de FPVH.

As análises de desempenho dos animais (Tabela 2), mostraram que o consumo médio diário foi, estatisticamente semelhante entre os tratamentos. Pela análise de regressão linear, constatou-se que o ganho médio diário e a conversão alimentar, mostraram tendências de pior desempenho dos animais com o aumento da FPVH nas rações, sendo que o nível de 9,0% proporcionou os piores resultados.

Constatou-se que níveis crescentes de FPVH propiciaram rações com menores valores de digestibilidade.

A análise econômica do experimento foi feita a partir dos dados de desempenho dos tratamentos, independentes das análises estatísticas.

Com base nesses resultados e em função do custo do quilograma (kg) de peso vivo produzido (Tabela 2) conclui-se que a substituição de FPVH pelo farelo de soja é viável economicamente até o nível de 3,0%.

<sup>1</sup>Eng. Agr., M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

<sup>2</sup>Economista, M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

Tabela 1 – composição e custo das rações experimentais.

| Ração %<br>Tratamento                    | Crescimento |         |         |         | Terminação |         |         |         |
|--|-------------|---------|---------|---------|------------|---------|---------|---------|
|  | T1<br>0     | T2<br>3 | T3<br>6 | T4<br>9 | T1<br>0    | T2<br>3 | T3<br>6 | T4<br>9 |
| Ingredientes:                            | %           | %       | %       | %       | %          | %       | %       | %       |
| Milho moído (8,6% PB)                    | 74,0        | 75,0    | 77,0    | 77,5    | 82,5       | 82,5    | 85,5    | 85,5    |
| Farelo de soja (44,85% PB)               | 23,0        | 18,5    | 14,0    | 10,5    | 14,5       | 11,5    | 5,5     | 2,5     |
| FPVH (61,08% PB)                         | –           | 3,0     | 6,0     | 9,0     | –          | 3,0     | 6,0     | 9,0     |
| Fosfato bicálcico                        | 2,3         | 2,3     | 2,3     | 2,3     | 2,3        | 2,3     | 2,3     | 2,3     |
| Mistura mineral                          | 0,5         | 0,5     | 0,5     | 0,5     | 0,5        | 0,5     | 0,5     | 0,5     |
| Mistura vitamínica                       | 0,2         | 0,2     | 0,2     | 0,2     | 0,2        | 0,2     | 0,2     | 0,2     |
| Custos das rações (CR\$/kg) <sup>1</sup> | 11,68       | 11,81   | 12,04   | 12,23   | 11,68      | 11,81   | 12,04   | 12,23   |

<sup>1</sup>Embora as proporções do milho e farelo de soja variem nas diferentes rações, o preço de ambos os insumos, a nível de mercado (outubro, 1980), foram os mesmos. Consequentemente, o custo das rações de crescimento e/ou terminação não variou.

Tabela 2 – Efeitos da FPVH no desempenho de suínos em crescimento e terminação e custos do kg de peso vivo produzido.

| Ítems   | Porcentagem de FPVH (%) |       |       |       |
|---|-------------------------|-------|-------|-------|
|   | 0                       | 3,0   | 6,0   | 9,0   |
| Ganho médio diário (g)                          | 632                     | 638   | 575   | 528   |
| Consumo médio diário (kg)                       | 2,15                    | 2,14  | 1,98  | 2,01  |
| Conversão alimentar                             | 3,41                    | 3,34  | 3,44  | 3,83  |
| Custo do kg de peso vivo produzido <sup>1</sup> | 49,63                   | 49,48 | 51,85 | 58,23 |

<sup>1</sup>Dados outubro de 1980.